

## Pesquisa em psicologia social

de onde viemos e para onde vamos

Neuza M. F. Guareschi

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

GUARESCHI, NMF. Pesquisa em psicología social: de onde viemos e para onde vamos. In RIVERO, NEE., org. *Psicologia social: estratégias, políticas e implicações* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp. 86-95. ISBN: 978-85-9966-286-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

---



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## PARTE II – GRUPOS DE TRABALHO

### **Pesquisa em Psicologia Social: de onde viemos e para onde vamos**

Neuza M. F. Guareschi<sup>1</sup>

Os encontros da Associação Brasileira de Psicologia Social – ABRAPSO, sejam eles os nacionais ou os regionais, são sempre momentos de se rever conceitos, aprender novas teorias, mas principalmente os momentos de se conhecer novas pesquisas que estão sendo desenvolvidas na área da Psicologia Social. O VIII Encontro da Regional Sul da ABRAPSO – Santa Maria, RS – não foi diferente. No que se refere aos encontros regionais, foi o primeiro em que, na organização dos grupos de trabalho, havia três grupos organizados para discutir o tema Pesquisa em Psicologia Social. Como coordenadora de um desses grupos que debateu algumas das diferentes formas de se fazer pesquisa em Psicologia Social, fui encarregada de escrever um texto que relatasse, na medida do possível, a discussão que ocorreu com esse grupo. Assim, este texto objetiva elaborar uma discussão, pontuando algumas questões teóricas e metodológicas em relação a um desses grupos, que durante o encontro mencionado acima apresentou e discuti algumas pesquisas que estão sendo realizadas nessa área.

Os temas das em pesquisas em Psicologia Social apresentados nesse grupo, abrangeram aspectos teóricos e metodológicos relacionados as seguintes questões: relações de gênero e mídia; masculinidade, vida doméstica e opressão; sexualidade, prostituição e representações sociais; histórias e construções de laços comunitários bem como estratégias e organizações em comunidades populares; epistemologia em Psicologia e implicações na prática profissional e pesquisa em Psicologia Social e o campo dos Estudos Culturais.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Professora Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Faculdade de Psicologia PUCRS, Coordenadora do grupo de pesquisa: Estudos Culturais, identidades/diferenças e Teorias Contemporâneas.

<sup>2</sup> A referência completa com os títulos, autores e autoras e resumos dos trabalhos citados acima encontram-se publicados nos anais do VIII Encontro Regional Sul – Associação Brasileira de Psicologia Social – ABRAPSO. Psicologia Social: Estratégias, Políticas e Implicações.

Se retomarmos um pouco a história da Psicologia Social no Brasil, veremos que esta começa a mudar, ou melhor, a se fundamentar em outro paradigma no final da década de 70, na mesma época em que também começa a história da ABRAPSO. Esse dado histórico é importante porque foi, e está sendo através, principalmente, dos encontros dessa Associação que conseguimos divulgar e multiplicar a produção de conhecimento da Psicologia Social crítica, fundamentada em abordagens teóricas e epistemológicas que se colocam em oposição ao modelo de Psicologia Social Americana,<sup>3</sup> baseada nos pressupostos do experimentalismo da relação causa/efeito. Calcada nos pressupostos do positivismo, a Psicologia Social Americana considera como ciência, ou como um trabalho científico, a metodologia que ostentava como seus principais elementos a objetividade, a experimentação/ comprovação, a neutralidade (separação entre sujeito e objeto) e a generalização. O objetivo, dentro dessa abordagem de pesquisa, é o de chegar a uma dedução lógica sobre os objetos que se estuda, para então poder concluir como estes podem, ou não, influenciar, ou serem influenciados, pelos comportamentos dos indivíduos.

A Psicologia Social crítica surge, então, trazendo como um dos seus principais pressupostos de pesquisa o de mostrar a falsa neutralidade do experimentalismo e o de buscar desenvolver uma produção de conhecimento em que o sujeito seja um agente ativo dessa produção mostrando, portanto, que não há separação entre sujeito e objeto e pesquisador/pesquisado. A Psicologia Social crítica começou a se preocupar também em abarcar, em suas questões de pesquisas, aspectos relacionados com o ser humano na contemporaneidade, ou seja, em priorizar em suas investigações os contextos históricos, sociais, econômicos e culturais dos sujeitos pesquisados. Isso aconteceu, por exemplo, quando alguns teóricos da área começaram a rever os caminhos metodológicos que a pesquisa em Psicologia Social tinha percorrido e buscar em áreas vizinhas, como a da Sociologia, Antropologia e Educação, outras abordagens e métodos de investigação.

Sabemos que as pesquisas, dentro das diferentes áreas da ciência, assinalam o percurso da construção do conhecimento que vem sendo produzido. Contudo, e especialmente na área das ciências sociais e humanas, nem sempre os/as pesquisadores/as têm consciência de todos os

---

<sup>3</sup> Quando nos referimos a Psicologia Social Americana estamos no remetendo a Psicologia Social dos Estados Unidos.

aspectos que envolvem esse percurso. Um dos mais importantes aspectos desse caminhar é sem dúvida o do método de pesquisa. Além de o método representar as questões teóricas e metodológicas que norteiam o pensamento do pesquisador/a, ele evidencia também de que forma as preocupações sociais são expostas no estudo e qual perspectiva política, frente à ciência e à sociedade, é adotada por quem desenvolve a pesquisa.

Se adotarmos a perspectiva de que a ciência é uma prática social, isto significa dizer que a ciência é uma produção histórica e cultural que está permanentemente criando e se recriando a ela própria. Isto também quer dizer que a ciência não é absoluta e, portanto, não possui verdades, mas está continuamente em busca da compreensão do ser humano nos diferentes contextos que envolvem suas interações sociais. Assim, a Psicologia Social crítica deixou para traz os métodos experimentais dedutivos que haviam produzido os conhecimentos dessa área da Psicologia até então, e se lançou a novos desafios metodológicos na área de pesquisa que têm sido inovados e transformados continuamente.

Podemos citar como uma das formas de pesquisa que iniciou essa relação de novas abordagens metodológicas a pesquisa participante e pesquisa ação. Temos como exemplo da utilização dessa metodologia na área da Psicologia Social crítica o respeitável trabalho de Bader Sawaia<sup>4</sup> em sua tese de doutoramento. A metodologia participante/ação se fundamenta nos princípios do materialismo histórico, tendo a hermenêutica dialética como sua principal ferramenta de análise. Essa abordagem filosófica – materialismo histórico – junto com a teoria interacionista de Vigotski, foi também o que fundamentou a discussão teórica e metodológica que a Psicologia Social passou a fazer sobre alguns de seus tradicionais conceitos como: comportamento, identidade, pensamento, linguagem, consciência, e a gerar um debate sobre o papel de algumas das instituições sociais na sociedade e na construção dos indivíduos, entendidos aqui como sujeitos históricos sociais, como a família, a escola, o trabalho, a comunicação social, etc., Os trabalhos de Silvia Lane, Vanderlei Codo, Antonio Ciampa, Pedrinho Guareschi, são alguns dos que podem ilustrar esse novo debate na história da Psicologia Social.

---

<sup>4</sup> Sawaia, 1987.

Outras tradições filosóficas também passaram a fazer parte dos métodos de investigação na Psicologia Social. A abordagem fenomenológica foi trazida para a Psicologia Social como uma metodologia que busca compreender o significado que os acontecimentos e as interações possuem para as pessoas no seu cotidiano, ou em situações particulares. A fenomenologia enfatiza a compreensão e explicação do fenômeno dada pelas pessoas através de seus componentes subjetivos. Compatível com a perspectiva fenomenológica, o interacionismo simbólico visa compreender como as pessoas interpretam suas experiências, situações e acontecimentos através das mediações que se estabelecem nas suas interações sociais. Outros enfoques metodológicos que privilegiam a cultura como a etnografia e a etnometodologia foram pouco utilizados nas pesquisas em Psicologia Social. A explicação dos comportamentos pelos diferentes contextos culturais, no caso da etnografia, e o modo como as pessoas percebem, descrevem e explicam o mundo cultural em que vivem, no caso da etnometodologia, pode contribuir enormemente para a pesquisa em Psicologia Social que visa compreender o ser humano por inteiro na produção de suas relações sociais e históricas.

A Psicologia Social crítica trouxe, imbuída em seus princípios epistemológicos, uma concepção histórico-social de ser humano, compreendido como produto e produtor de suas relações sociais e de um conceito de ciência como uma prática social, o qual defende que conhecimento é produzido nas relações concretas que as pessoas estabelecem dentro dos grupos sociais em que vivem na sociedade. Embora a noção crítica e progressista que envolve essas concepções de ser humano e de ciência citadas acima, muitos trabalhos em pesquisa que se colocam como pertencendo à Psicologia Social crítica, desfilam em seus procedimentos metodológicos usos não só da linguagem, mas também de técnicas positivistas e funcionalistas que são incoerentes epistemologicamente com esse conceito de ser humano e com essa concepção de ciência. Como exemplo disso, podemos citar a utilização de instrumentos como testes e questionários, que mantêm a separação entre sujeito e objeto, e interpretam as respostas das pessoas desconsiderando seus lugares históricos e culturais. Citar ainda, a utilização do método de análise de conteúdo, que no seu trabalho de compreensão dos dados dissocia em categorias excludentes a linguagem, a história, as relações sociais e os diferentes contextos das pessoas.

Outros trabalhos pregam, também, o uso indiferenciado dos métodos qualitativos e quantitativos, ou a superação do debate entre essas duas abordagens. Não se trata de discutir, ou de iniciar o debate sobre as diferenças entre os métodos; os dois são geradores de dados e cada qual se propõe a atender aos objetivos específicos de sua pesquisa. Entretanto, trata-se sim de discutir as diferenças epistemológicas e ontológicas sobre as concepções de ser humano, de realidade e de ciência em que cada método se fundamenta.

Para o paradigma científico tradicional da modernidade, essa diferença ou incompatibilidade entre esses dois métodos, não ocorre, uma vez que o objeto permanece separado do pesquisador. Ainda que esses interajam, como propõem os estudos qualitativos, em muitas pesquisas dessa área o pesquisador e objeto se colocam em instâncias separadas. Contrapondo a isso, a perspectiva de ciência emergente<sup>5</sup> questiona essa dicotomia e propõe a impossibilidade de separação entre ambos. Essa perspectiva de ciência também estabelece que os dois se fundam mutuamente: o pesquisador cria seu objeto de estudo, estando fatalmente entrelaçado a ele. Portanto, a discussão entre abordagem de pesquisa qualitativa e quantitativa não está de forma alguma superada. Ao contrário, trata-se de uma discussão epistemológica que apenas começa:

Recentemente, emergiram, na área de pesquisa em Psicologia Social, enfoques teórico-metodológicos que vieram redimensionar a discussão, tanto em relação a questões epistemológicas, quanto em relação a aspectos da práxis da Psicologia Social. Estamos falando aqui da temia das Representações Sociais e da abordagem do Construcionismo Social. Primeiro foi a vez dos trabalhos na área das Representações Sociais que se propuseram, através de grupos focais e entrevistas, re-discutir a produção de conhecimentos na Psicologia Social, partindo do ponto de vista do conhecimento que é produzido e elaborado no senso comum, no cotidiano dos contextos culturais e sociais das comunidades em que as pessoas vivem. O trabalho de pesquisa em Representações Sociais levou a Psicologia Social inserir-se em temas da ciência que até então estavam negligenciados da Psicologia Social, ou eram abordados por outras áreas da Psicologia de

---

<sup>5</sup> Por ciência emergente, quero me referir ao estágio atual de discussão epistemológica, onde postula-se uma divergência e crítica aos ideais iluministas e positivistas da ciência moderna. Para uma leitura mais aprofundada do tema, vide Prigogine, 1997.

forma “psicologizada”, isto é, de forma a-política, a-histórica e individualizada. Dentre esses temas desenvolveram-se trabalhos sobre ideologias, saúde pública, doenças mentais e sexuais, educação, esferas pública e privada da sociedade, identidades, relações de gênero, raça, etnias, classe social e vários tópicos que envolvem o tema da exclusão social.

Atualmente, o Construcionismo Social vem marcar um novo paradigma na Psicologia Social. Mesmo que as pesquisas em Representações Sociais tenham levado a Psicologia Social a produzir conhecimentos novos e abordar temas de forma diferente como colocado acima, entendemos que essa teoria ainda se situa num paradigma das teorias sociais críticas. Essas teorias tomam como fundamentais questões como: os elementos estruturais da sociedade, a postura crítica e denunciadora em relação aos grupos dominantes, a análise de fenômenos da contemporaneidade com teorias e concepções de sujeito da modernidade e uma idéia de subjetividade humana dada como algo por inteiro e não como processos interrompidos e fluidos.

Por incluir em seu corpo teórico e metodológico as práticas discursivas e a produção de sentidos no cotidiano, devese dizer que o Construcionismo Social inicia na Psicologia social uma virada linguística.<sup>6</sup> O Construcionismo Social concebe tanto o sujeito como o objeto como construções histórico-sociais, estabelece uma crítica à idéia representacionista do conhecimento e da objetividade, problematizando aspectos sobre a realidade e o sujeito. Pois, através de questões da linguagem, o Construcionismo Social<sup>7</sup> incorpora, em parte, a perspectiva linguística do estruturalismo e a discussão das práticas discursivas e de discurso do pós-estruturalismo nas análises sobre a produção de sentidos no cotidiano dentro da sua abordagem teóricometodológica.

Uma das marcas básicas da Psicologia social, tomada como um projeto mais amplo, é a importância que esta deve dar ao contexto onde se dá a ação social, ao foco localizado e historicamente específico, à atenção

---

<sup>6</sup> Ao fazer referência a Virada Linguística, cabe aludir o que Veiga-Neto (1996) propõe: “O que dizemos sobre as coisas nem são as próprias coisas (como imagina o pensamento mágico), nem são uma representação das coisas (como imagina o pensamento moderno); ao falarmos sobre as coisas nos as constituímos”.

<sup>7</sup> Para melhor compreensão sobre os pressupostos teóricos e metodológicos do Construcionismo Social consultar o trabalho organizado por SPINK, 1999.

às especificidades e particularidades articuladas a uma conjuntura histórica determinada, produzindo, então, pesquisas e teorias engajadas nas práticas e lutas sociais e nas diferenças culturais que constituem e são constituídas através das relações das pessoas. O interesse central da pesquisa dentro da área da Psicologia Social é perceber as intersecções entre as estruturas sociais, os grupos sociais, a cultura, a história e as relações que as pessoas constroem e passam a ser construídas por elas. Tomando como primordial essas questões para a Psicologia Social, consideramos que os Estudos Culturais<sup>8</sup> possam acrescentar algumas outras questões ao debate sobre pesquisa em Psicologia Social fundamentalmente por se tratar de um campo de estudos transdisciplinares.

Os Estudos Culturais utilizam todos os campos que forem necessários para produzirem o conhecimento exigido por um projeto particular. Por isso, Johnson (1986) coloca os Estudos Culturais como campo de diferentes saberes para se produzir conhecimento útil sobre a cultura humana. Desses campos de saberes das últimas épocas, tem se aproveitado desde o marxismo e o feminismo passando pela psicanálise até o pós-estruturalismo e o pós-modernismo.

Os Estudos Culturais devem ser vistos sob dois pontos de vista: político, como a tentativa de constituição de um projeto político e teórico, como a intenção de construir um novo campo de estudos. O primeiro ponto de vista é sinônimo de “correção política”, podendo ser identificado como a política cultural dos vários movimentos sociais da época de seu surgimento. O segundo resulta da insatisfação com os limites de algumas disciplinas, propondo, então, a transdisciplinaridade.

Esta característica particular dos Estudos Culturais, ou seja, o caráter transdisciplinar, faz com que sua metodologia seja ambígua. Definida como uma bricolage, a metodologia, no campo dos Estudos Culturais, constrói os objetos de estudo a partir de diversos procedimentos metodológicos. Assim também, a postura do/a pesquisador/a, chamado/a de pesquisador-bricoleur, é caracterizada por fazer uso de um referencial teórico de análise e

---

<sup>8</sup> Outras discussões sobre o campo do conhecimento dos Estudos Culturais e seus enfoques teóricos e metodológicos podem ser encontrados nos seguintes trabalhos: ESCOSTEGUY, 2000; ESCOSTEGUY, 1999; HALL, 1990; HALL, 1980; JOHNSON, 1986; NETSON, 1995.

compreensão do seu objeto de estudos a partir diferentes disciplinas, requerendo do/a pesquisador/a uma destreza teórica particular, por utilizar diferentes procedimentos metodológicos e intersectar várias áreas do conhecimento dentro das ciências sociais.

Meyer (1999) acrescenta que Stuart Hall enfatiza que no contexto dos Estudos Culturais o referencial pós-estruturalista de Foucault e Derrida tem dado grande contribuição na questão metodológica. Está sendo permitido analisar como os sujeitos compreendem a si mesmos dentro da cultura e como o conhecimento acerca do social, do indivíduo corporificado e dos significados que estes compartilham em grupos/comunidades específicas são produzidos nos diferentes momentos históricos.

Uma abordagem que, mesmo pressupondo a produção discursiva do social e dos sujeitos, não implica a negação da existência material de pessoas, coisas e eventos, mas que sustenta que elas não têm, em si, significados fixos, uma vez que elas significam e se tornam verdadeiras somente dentro, ou pela articulação, de determinados discursos enraizados em contextos particulares e localizados. É o discurso, e não o sujeito ou a instituição social que o assumem, que produz conhecimento. Estes (sujeitos e/ou instituições) podem estar produzindo textos particulares, mas estão operando dentro dos regimes de verdade de um período e cultura particulares (Meyer, 1999, p.59).

Embora possa ser dito que desde seu início os estudos culturais tenham tido uma inflexão interdisciplinar, a proposta construída pelos estudos culturais é singular. Essa tradição propõe um olhar interdisciplinar, ou melhor, transdisciplinar, que entende os processos culturais e sociais como interdependentes e não como fenômeno isolado. Essa interdependência caracteriza uma relação dinâmica com outras esferas. Os estudos culturais reconhecem a capacidade dos sujeitos sociais de manifestar diferentes práticas simbólicas, situadas em um determinado contexto histórico. Isto significa deslocar do foco das análises em pesquisas de Psicologia Social, como, por exemplo, sobre as relações de dominação, da reprodução e da ideologia para o foco dos efeitos do discurso. A concepção de discurso aumenta a possibilidade de entender a realidade na qual as pessoas constroem suas relações, no sentido de percebermos que essas não são somente interpeladas por uma ideologia dominante, mas também resistem a ela e se mobilizam produzindo novos sentidos e

buscando mudanças. O discurso, como produção de sentidos, é entendido aqui como social e historicamente construído, passa a ser a própria ação do sujeito. Não só a fala, mas a linguagem, na sua leitura semiótica, é ação.

A perspectiva em pesquisa, dentro do campo dos Estudos Culturais, apresenta dois objetivos principais: primeiro, insistir que todas as relações sociais são influenciadas por relações de poder, que devem ser entendidas mediante análise das interpretações que as pessoas fazem das suas próprias situações. Segundo, que toda investigação se baseia numa perspectiva teórica interdisciplinar/transdisciplinar em relação ao comportamento humano e social. Deste modo, não é possível desenvolver o processo de análise de forma indutiva; todo processo de compreensão do pesquisador em relação ao objeto de estudo demonstra as convicções teóricas e políticas do pesquisador que devem ser continuamente transformados pelas experiências vividas pelos sujeitos que investiga.

### **Bibliografia**

- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Um olhar sobre os estudos culturais latino-americanos. Texto apresentado na leitura pública no COMPÓS-PUCRS, Porto Alegre, 2000.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos Culturais: uma introdução. In: DA SILVA, Tomaz Tadeu (org.) O que é, afinal, Estudos Culturais? Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- HALL, Stuart. The emergence of cultural studies and the crisis of the humanities. *October*, 53, 1990: 11-90.
- HALL, Stuart. Cultural Studies and the Centre: some problematics and problems. In: HALL, S., HOBSON, D., LOWE, A., e WILLIS, P. *Culture, media, language working papers in cultural studies, 1972-1979*. Londres: Routledge e Centre for Contemporary Cultural Studies/ University of Birmingham, 1980.
- JOHNSON, Richard. The story so far: And further transformations. In: D. Punter (org.). *Introduction to Contemporary Cultural Studies*. Londres, Longman, 1986.

- MEYER, Dagmar E. E. Identidades Traduzidas: cultura e docência teuto-brasileiro-evangélica no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 1999. Dissertação (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.
- NETSON, P. A. C. Estudos Culturais: uma introdução. In Thomaz Tadeu da Silva (org.) Alienígenas na sala de aula. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- PRIGOGINE, L La Fin de la Certitude. In Mendes, C. (org); Representation et Complexité. Rio de Janeiro: Educ/ Unesco, 1997.
- SAWAIA, B. B. A Consciência em Construção no Trabalho de Construção da Existência. Tese de Doutorado não publicada em Psicologia Social. PUCSP. São Paulo, 1987.
- SPINK, M. J. Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano: Aproximações Teóricas e Metodológicas. São Paulo: Cortez Editor, 1999.
- VEIGA-NETO, A. Olhares... In: Costa, M. V. (org.) Caminhos Investigativos. Porto Alegre: Editora Mediação, 1996.